



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

QUILOMBOS NO BRASIL
Para além da resistência

(Material Didático)

JÉSSICA SOUZA OLIVEIRA

BRASÍLIA

2022

JÉSSICA SOUZA OLIVEIRA

QUILOMBOS NO BRASIL

Para além da resistência

Memorial apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Ribeiro Oliva

BRASÍLIA
2022

“O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser um guerreiro. E também é o recuo se a luta não é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade da vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias de destruição.”

– Maria Beatriz Nascimento. Orí, 1989.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, por sempre terem me instigado a dar o meu melhor independente da circunstância. Pelo exemplo de perseverança e cuidado, nas suas mais variadas formas. À minha mãe, especialmente, agradeço por ter dado toda a base que eu precisei para realizar minhas conquistas, sem você nada seria possível.

Ao Prof. Dr. Anderson Oliva, pela paciência e sensibilidade ao analisar meu trabalho e, principalmente, por não ter desistido de me orientar.

Aos meus colegas de história que acompanharam uma boa parte da trilha percorrida na UnB e têm a minha admiração. Em especial Bruna Paz, Matheus Rosa, Daniela Oliveira, Lucas de Souza, Gustavo Flôr e Marcos Santos, pelas discussões ao longo da graduação que me edificaram (sobretudo quando eu não concordava).

À Luanda Pacheco, por ter contribuído imensamente com o visual do material didático e por ser minha personal designer e amiga. Poder confidenciar frustrações e sonhos com alguém como Luanda é uma dádiva.

Ao Tito Livio Mundim, que mesmo sem participar ativamente da minha vida, colaborou absurdamente na minha formação. Espero conseguir retribuir algum dia por toda contribuição que me foi confiada na minha infância/adolescência.

Finalizo os agradecimentos com a certeza de ter tentado honrar as partilhas que foram possibilitadas durante esses anos de graduação, aprendi com os acertos e, mais ainda, com os erros.

RESUMO: O memorial descritivo aponta a trajetória que foi percorrida para produzir e finalizar o material didático “**Quilombos no Brasil: para além da resistência**”, durante os anos de 2019-2022, pela estudante Jéssica Souza Oliveira. O produto final conta com um breve repertório historiográfico para valorizar a cultura e história quilombola do país e, assim, divulgá-la entre estudantes do ensino médio.

PALAVRAS-CHAVE: quilombos brasileiros; resistência; educação contra-colonial.

ABSTRACT: The descriptive memorial points out the trajectory that was taken to produce and finalize the didactic material “Quilombos in Brazil: beyond the resistance”, during the years 2019-2022, by the student Jéssica Souza Oliveira. The final product has a brief historiographical repertoire to value the country's quilombola culture and history and, thus, disseminate it among high school students.

KEYWORDS: brazilian quilombos; resistance; counter-colonial education.

SUMÁRIO

1. TRAJETÓRIAS	7
2. O MATERIAL DIDÁTICO	12
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
4. REFERÊNCIAS	17

❖ TRAJETÓRIAS

Eu me chamo Jéssica Souza Oliveira, tenho 26 anos de idade e nasci em Brasília. Sou filha de uma piauiense, chamada Antônia, e de um maranhense, João Batista e cheguei a morar no interior do Piauí na minha primeira infância. Desde que cheguei em Brasília, por volta dos 5 anos, meu pai e, principalmente, minha mãe fizeram esforços significativos para eu ter uma boa educação. Então o foco realmente foi o de ser uma aluna dedicada, independente da escola em que eu estivesse (passei por escolas públicas e privadas durante a infância e seguiu assim até o ensino médio). No meu terceiro ano do ensino médio, estudei no Centro de Ensino Médio da Asa Norte (CEAN), e lá passei a me interessar mais pelos cursos ofertados pela Universidade de Brasília (UnB). Após três tentativas de ingressar na UnB no curso de Ciências Sociais, estava já a ponto de desistir, quando mudei a opção para História no vestibular do meio do ano e, assim, realizei o objetivo de cursar na UnB no segundo semestre de 2015.

A mudança da opção de curso começou com uma dinâmica sobre ditadura militar no Brasil e sobre o desaparecido político, Honestino Guimarães (ex-estudante da UnB), no qual seu sobrinho, Mateus Guimarães, realizou o debate entre estudantes do 3º ano do ensino médio no CEAN em 2013. Por mais que meu interesse sobre o assunto da ditadura militar brasileira tenha surgido no meu último ano, o máximo que eu fiz foi acompanhar, no ano que se seguiu, as audiências públicas da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade - UnB. O engajamento na temática não me persuadiu a trocar de imediato a escolha do curso de Ciências Sociais, mas com o tempo eu fui cedendo e me identificando mais com o plano curricular da História.

Uma vez inserida na universidade, tentei aproveitar ao máximo o que este ambiente pode proporcionar, tanto à comunidade externa, quanto interna. Portanto participei de projetos de extensão voltados para a licenciatura de 2016 até o final do ano de 2019. Em 2016, estava no meu terceiro semestre e participei do meu primeiro projeto de extensão: “Mbopyau: Ensinando Histórias do Possível”, um projeto idealizado por estudantes de História, e assumido institucionalmente pela professora Susane Rodrigues, no qual o intuito era pôr em prática as pesquisas que foram realizadas em sala de aula sobre temas como decolonialidade em relação aos povos originários do Brasil, estudos de gênero, negritude e questões sociais. A

produção de oficinas pedagógicas serviu como base para ministrar aulas, no formato do Estágio obrigatório, em escolas públicas do Distrito Federal (mais especificamente em São Sebastião, Núcleo Bandeirante e Taguatinga Sul), e o objetivo era historicizar e desmitificar as representações sexistas, racistas, eurocêntricas e supremacistas que pairam sobre mulheres, pessoas negras e povos originários.

Já em 2018, eu comecei meu segundo projeto de extensão, sendo esse mais prolongado que o primeiro, já que fiz o processo seletivo para participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Neste programa, tive a oportunidade de estar entre estudantes dos cursos de Geografia, Filosofia e História discutindo sobre como seriam nossas ações dentro de sala de aula, além de ter reuniões conjuntas no espaço da UnB com todo o corpo estudantil que participava do PIBID na época. A professora supervisora foi a Edlene Silva e foi a responsável por um estudo intensivo a respeito da discussão racial e de gênero (com mais ênfase neste último) na educação básica e na literatura clássica/acadêmica. A preparação inicial foi primordial para realizar um trabalho bem feito durante 1 ano e meio no ensino médio regular e EJA, no colégio público localizado no Cruzeiro Velho, o Centro Educacional 02 do Cruzeiro.

O edital foi realizado para lecionar aulas até o segundo semestre de 2019, junto com o professor regente da matéria correspondente ao curso, porém com o foco em estudos de gênero e obras do Programa de Avaliação Seriada (PAS) da UnB, portanto, a ideia era mesclar o tema da aula e inserir a temática, combinando com as obras que foram utilizadas em algum momento no vestibular seriado. Ademais, a Edlene fez a proposta de não nos restringimos apenas à docência, mas também fosse concebido uma pesquisa que relacionasse os temas trabalhados no programa com o embasamento educacional. O trabalho realizado por mim foi intitulado de: *“Sociedade Nagô, o resgate”: representações de mulheres negras em jogo digital de cunho didático*, e sinto que foi muito enriquecedor ter tido esse incentivo para pesquisar e ser orientada pela professora, tendo em vista que não tive a oportunidade de participar, durante a graduação, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

O último projeto de extensão que eu participei durou apenas quatro meses. O “Laudelinas E(m) Cena - Teatro do Oprimido e Direitos Sociais” tinha como objetivo debater com trabalhadoras domésticas da região de São Sebastião a respeito das

mudanças que estavam previstas nas leis trabalhistas e como isso poderia afetar elas e o restante da sociedade, principalmente para quem enfrenta uma jornada dupla ou tripla de trabalho. O local de atuação foi no Instituto Federal de Brasília e ao todo foram 4 oficinas, finalizando com palestras, tendo como convidados o professor orientador, Joaze Bernadino-Costa e a historiadora e intelectual Marjorie Chaves.

De todos os projetos que eu participei, o que mais me marcou em relação à educação, salvo os estágios obrigatórios por cursar licenciatura, foi o do PIBID, por ter tido um acompanhamento mais rotineiro com os estudantes e, igualmente com o professor orientador do colégio, ao participar de reunião de coordenação, sala dos professores e por aí vai. O fato de ter vivenciado a realidade dos colégios me fez repensar bastante como eu queria seguir minha carreira, já que, concomitantemente aos projetos e aulas, eu pesquisava assuntos do meu interesse e realizei estágio não-obrigatórios em 4 lugares diferentes (Casa da Cultura da América Latina, Arquivo Central da UnB, Comissão de Anistia - na época, ainda vinculado ao Ministério da Justiça - e o Memorial do Ministério Público Federal, na Procuradoria Geral da República - PGR). A missão de incluir a educação nos meus planos profissionais ainda está presente, porém dar aula no ensino básico de maneira regular não está mais na minha prioridade; e demorei um pouco para aceitar isso, mas a maturidade em relação a essa decisão se fez mais firme com o passar dos anos.

Estudar na UnB foi uma conquista pessoal (e reconheço sempre que não foi realizada unicamente com os meus esforços) que me gerou muitos frutos e fez os meus olhos brilharem por muito tempo. Ao me ver exercitando o lema da UnB, cuja intenção é enfatizar a importância do ensino, pesquisa e extensão da universidade, percebi que apesar da pesquisa ter ficado um pouco de lado, pude aprender muito com o ensino e extensão e isso impactou muito a minha formação. A liberdade de escolher disciplinas de outros departamentos para compor minha grade curricular foi essencial para um aprendizado interdisciplinar, crítico e realista quanto à História do Brasil. No decorrer da graduação, percorri os departamentos de Filosofia, Direito, Letras, Sociologia, Comunicação Social, Pedagogia e até Gestão Ambiental, para complementar o que eu achava que estava faltando no departamento de História.

No meu terceiro semestre eu conheci, durante a disciplina Etnologia Visual da Imagem do Negro no Cinema, comumente chamada de Cinema Negro, a intelectual

bell hooks. Os debates que eu tive nessa disciplina me inspiraram a querer continuar estudando mais sobre negritude, pois ainda tinha muitas dúvidas na época sobre como me identificar enquanto a raça/cor (hoje me entendo como uma mulher negra de pele clara, que segundo o IBGE, seria identificada como parda), e, também, percebi que esse assunto já foi muito negligenciado nos anais da história “oficial”. Sair do departamento à procura de disciplinas que me desafiavam a pensar além da historiografia básica acabou sendo mais frutífero do que eu imaginava.

A professora regente da disciplina, Edileuza Penha, é uma referência que eu ainda não tinha tido nas matérias cursadas até então, por ser uma mulher negra e que defendia o que acreditava em alto e bom som e se posicionou abertamente na sala de aula. Na mesma época tive aula com Leandro Bulhões, professor temporário que ministrou a matéria de História da África, e os debates instigados nessa disciplina me geraram inquietações que até hoje reflito sobre.

As pesquisas pessoais acompanhadas de disciplinas com professores e professoras competentes que trabalham com a questão da negritude de forma sensível e responsável, foram um dos principais motivos para eu pensar em trabalhar com o assunto de alguma forma quando chegasse a hora de produzir o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Em 2017, eu fiz uma disciplina chamada institucionalmente como Atualização e Prática do Direito 3, porém com o título de Direito, Relações Raciais e Diáspora Africana. Originalmente, foi produzido um minicurso, no qual participei no final de 2016 e, no ano seguinte, decidiram lançar a matéria com mestrandos do direito, aberta a todos os cursos, já que não tinha nenhum pré-requisito, o que auxiliou na diversificação da turma.



Da esquerda para direita, Beatriz Nascimento, Abdias do Nascimento e Lélia Gonzales / Fonte: Educação e Território.

Foi nesta matéria que eu conheci a obra de Beatriz Nascimento - historiadora, intelectual e ativista em defesa dos direitos de homens e mulheres negras - e tantos outros intelectuais que tanto contribuíram para minha formação, como Abdias Nascimento, Sueli Carneiro, Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo), Patricia Hill Collins, Paul Gilroy, Neusa Santos Souza e tantos outros, e me fez considerar os professores da disciplina como minhas referências atuais quando eu penso sobre direito e questões raciais: Marcos Queiroz, Rodrigo Portela, Marcelo Caetano e Emília Joana.

Em 2017 ocorreu o I Seminário Internacional Tecendo Redes Antirracistas: África(s), Brasil, Portugal, no qual eu participei como monitora e foi durante uma palestra sobre racismo e educação que surgiu a vontade de trabalhar com quilombos e fazer uma relação com o ensino de história no âmbito do ensino regular. Renísia Filice, Anderson Oliva, José Carlo Batista e Givânia Maria foram os convidados da palestra e o debate trazido pela Givânia foi o que mais me instigou a inserir a discussão a respeito de quilombos, tendo em vista o descumprimento parcial e, dependendo da escola até total, da Lei nº 11.645/2008 (a lei orienta a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena em todas as escolas brasileiras, públicas e privadas, no ensino fundamental e médio).

Em julho de 2018, foi lançado uma matéria no portal da BBC News Brasil, intitulada: *A história do quilombo que ajudou a erguer Brasília - e teme perder terras para condomínios de luxo*, e o quilombo em questão era o Quilombo Mesquita, a comunidade remanescente de quilombo mais próxima da Capital Federal e que estava sofrendo ataques do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), ao tentar reduzir o espaço demarcado de direito do quilombo. Os questionamentos do porquê eu nunca tinha ouvido falar sobre esse quilombo antes, mesmo sendo tão próximo de onde moro, era a deixa que eu precisava para começar as minhas pesquisas a respeito do tema de forma mais séria. Visitei o quilombo em uma ação para o dia das crianças no mesmo ano, e entrei em contato com professores e professoras que trabalhavam com a temática, inclusive a própria Givânia Maria, e passei a cultivar o tema em praticamente tudo que eu me propunha fazer. Ainda neste ano, participei de uma viagem para o Rio de Janeiro com o intuito

de participar como ouvinte do II Seminário Internacional Histórias Pós-abolição no Mundo Atlântico, junto com colegas do curso de história e ciências sociais. Foi mais uma experiência que trouxe entusiasmo pela pesquisa que eu estava começando, considerando tantos trabalhos e palestras apresentadas com pessoas competentes em suas pesquisas ao evidenciar as existências das comunidades negras no pós-abolição e suas formas de resistir aos ataques racistas, eurocêntricos e eugenistas - disfarçados de “democracia racial” - que permeiam o Brasil desde os primórdios de sua colonização.

É imprescindível mencionar que o capítulo produzido como material didático: *“Quilombo, para além da resistência”*, foi pensado coletivamente, e por produzir dessa forma, enfatizo neste espaço que a intenção não é “inventar a roda”, como diversas pessoas sempre alertaram quanto ao engajamento a este assunto tão extenso e complexo que é a questão racial no Brasil. A trajetória acadêmica percorrida diz muito sobre como a construção do material didático foi projetada para ser o que se é e, assim, poder ser lida pela banca avaliadora e qualquer outro entusiasta desse TCC feito por mim, ao longo de todos esses anos de graduação em história pela Universidade de Brasília. As experiências que me foram proporcionadas, de estudar em uma universidade pública e vivê-la para além da sala de aula (em projetos de extensão, congressos, viagens para outras universidades com fins acadêmicos, conversas na frente do Restaurante Universitário e até mesmo festas proporcionadas pelos centros acadêmicos), repercutiram na escolha deste tema “final” para me dedicar e concentrar energias nesse encerramento do curso.

❖ O MATERIAL DIDÁTICO

A decisão de produzir um material didático (capítulo de livro didático para o ensino médio) foi a forma que eu encontrei para honrar com a escolha de cursar licenciatura, já que durante toda a graduação ouvi e proferi a crítica da história ser muito teórica e, nem sempre usufruir da teoria para colocar em prática esses aprendizados. Aprofundar na temática quilombola como estudo para o TCC, associado a produzir o material didático se tornou uma forma de diminuir os descompassos entre a produção historiográfica - negra e quilombola - e os livros didáticos, estando na graduação e sonhar com a possibilidade de um dia o ensino

de história em todo o Brasil (incluindo ensino básico e superior) ser totalmente comprometido com a apresentação da história e cultura indígena e afro-brasileira.

O tipo de modalidade selecionada foge do padrão acadêmico de realizar uma monografia ou um artigo científico e, talvez por isso, tenha sido um trajeto cheio de percalços. Como dito anteriormente, as primeiras ideias a respeito do tema surgiram no final de 2017 e foram amadurecendo nos anos de 2018/2019; em 2019 me matriculei em TCC 1, porém quando eu ia cursar o TCC 2 veio a pandemia causada pelo Coronavírus (COVID-19) em março de 2020 e, conseqüentemente, o isolamento social para amenizar o contágio em massa no país. Com isso o semestre foi suspenso até agosto do mesmo ano e voltou de forma remota; muitas mortes ocorreram até uma vacina ser aprovada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e o desânimo e medo com o cenário nacional e internacional afetou minha produtividade acadêmica, além da ansiedade de formar e entrar na estatística de desempregados. Em dezembro, finalizei meu contrato de estágio na PGR e decidi aceitar um emprego na área de restaurantes, o que contribuiu um tanto para o atraso da produção do material, pois a falta de tempo hábil somada ao ensino remoto me desestimularam a finalizar o que eu já havia começado.

Passados dois anos, decidi retomar a pesquisa e encerrar o ciclo na universidade, honrando o compromisso que fiz com todas as pessoas que um dia acreditaram em mim e nesse estudo.

O capítulo "*Quilombos no Brasil: para além da resistência*" possui ao longo das suas 20 páginas, um panorama histórico de como surgiram no Brasil, as características e vivências em comum que são experienciadas nesse local e como são relatadas na historiografia nacional - produzida por especialistas da área -, incluindo o exemplo do maior quilombo na era colonial já documentado na história brasileira, o Quilombo de Palmares, e um estudo de caso da comunidade remanescente de quilombos de Mesquita.

O material didático, além de satisfazer minha crença na licenciatura, veio como resposta ao problema/lacuna identificado em 4 dos 6 livros didáticos de história analisados no decorrer da pesquisa. Por que não continha um conteúdo atualizado a respeito de um assunto tão caro à formação do Brasil, se há uma extensa historiografia a respeito das comunidades remanescentes de quilombos no Brasil no pós-abolição? Além disso, uma boa parte foi impressa/produzida após a primeira lei 10.639/03 no qual estabeleceu a obrigatoriedade de ser discutida em

sala de aula a cultura afro-brasileira e, mesmo assim, verificou-se o descumprimento da lei.

O objetivo do trabalho tornou-se então o de desmistificar a “história única” a respeito dos quilombos brasileiros e, assim, historicizar de maneira consciente esse universo tão complexo que o envolve e suas implicações para a identidade afro-brasileira, a ocupação territorial e a preservação de costumes, fauna e flora. Assimilar a grandiosidade que tantos autores atribuíram aos quilombos ao apontá-los como uma continuidade histórica é essencial para um reconhecimento justo da importância de estudar esse tema. O próprio título do capítulo tem a intenção de trazer o entendimento de não limitar os quilombos como rotas de fuga e algo relacionado somente ao século XVII/XVIII, cuja representação nesses moldes é recorrente nos livros didáticos do ensino médio acerca das comunidades quilombolas e sua atuação no Brasil colonial. Os quilombos tiveram, sim, um papel importante na resistência à escravidão no Brasil e isso é inegável, porém a fuga foi apenas uma das tantas possibilidades que adentrar um quilombo possuía, tanto na época que surgiram os primeiros registros quanto até os dias atuais.

O público alvo da obra é o segundo ano do ensino médio, cujo conteúdo de história que nos interessa para abordar sobre quilombos brasileiros perpassa sobre a chegada de europeus e, conseqüentemente, africanos até o Brasil se tornar colônia de Portugal.

O processo trilhado para a produção do texto final foi dividido em três etapas. A primeira foi a de estudar teóricos que já apontavam em seus trabalhos acadêmicos o lapso que ainda persiste em livros didáticos de história sobre a temática, e ainda trazem em seus debates a necessidade de descolonizar os livros didáticos na área rural e urbana. As três mulheres responsáveis por trazer a criticidade inicial para o trabalho foram Givânia Maria da Silva, Lourdes de Fátima Carril e Rosana Medeiros de Oliveira, respectivamente, da área de sociologia, geografia e história, sendo Givânia da Silva a única quilombola entre elas. As obras das intelectuais, em resumo, tratam das diretrizes curriculares nacionais para a educação quilombola, a inevitabilidade de uma revisão nos livros didáticos em circulação nas escolas de ensino básico e os desafios que englobam pensar uma educação contra-colonial, cuja valorização da ancestralidade negra tem que ser cultuada dentro da sala de aula.

A análise de seis livros didáticos de história voltados para o segundo ano do ensino médio deu seguimento ao processo para ter a percepção que eu li nas obras naquele primeiro momento (do que faltava ou excedia sobre o assunto) e, também, para servir de inspiração de como construir um material didático nos moldes "clássicos", já que durante a graduação o que me fez chegar mais perto de produzir um material didático foi o de produção de oficina para ser aplicado em sala de aula. Portanto, esse contato mais tangível teve impactos positivos quando pude analisar o arquivo final e ver a semelhança que o meu material didático tinha do livro didático.

Por fim, a terceira parte consistiu em obter uma historiografia produzida na história e áreas adjacentes, por profissionais que seriam a base teórica e forneceriam o respaldo acadêmico para alcançar a credibilidade necessária que um trabalho de conclusão de curso precisa ter, devido à modalidade escolhida e o meu receio de não ser levada a sério enquanto historiadora por decidir trilhar um caminho não apenas voltado para a licenciatura, mas espelhando o que eu almejo de mudanças na área educacional.

"Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias de destruição" de Beatriz Nascimento foi a única antologia utilizada como referência para a escrita e isso se deve à morte prematura de Beatriz, ao sofrer de feminicídio por tentar defender sua amiga de um companheiro violento. Beatriz Nascimento teve um impacto imensurável na minha formação acadêmica e pessoal. Independente da temática que ela decidia falar a respeito, era feita com objetividade, conhecimento e simplicidade. Nos seus escritos voltados para o tema, ela enfatizou a necessidade de conhecer mais a fundo a história do Brasil, se não incluísse a história do negro no Brasil, estava incompleta. Uma das primeiras autoras cuja leitura evidenciava a continuidade histórica que envolvia os quilombos brasileiros e como eles foram uma primeira experiência de Estado organizado no Brasil.

Seguindo na mesma linha de raciocínio, Clóvis Moura em *"Quilombos e a Rebelião Negra"*, listou brevemente a história de alguns quilombos brasileiros e os impactos que eles tinham na sociedade colonial e as estratégias utilizadas para sobrevivência e como eles se comportavam enquanto comunidade. Clóvis Moura foi um dos intelectuais que denunciou o mito da democracia racial, o racismo e a superexploração do trabalho negro no Brasil.

Além de Nascimento, recorri às obras de outros dois quilombolas: Manoel Barbosa Neres e Antônio Bispo dos Santos (conhecido como Nego Bispo). Manoel

Neres foi usado de inspiração com seu livro *“Quilombo Mesquita: História, cultura e resistência”* no intuito de tentar retratar de forma mais fidelizada a Comunidade de Mesquita, pois eu não tenho essa vivência de ser ou viver entre quilombolas e almejava ter algum especialista para falar sobre Mesquita. Já Nego Bispo trouxe para a pesquisa o embate que as comunidades que foram colonizadas passaram a defender por estar, a todo instante, se servindo de técnicas e manobras alternativas para contestar a tentativa de colonialidade do saber e do poder. A compreensão da existência de um saber orgânico e um saber sintético e a quem serve cada um é realmente elucidativo para se assumir, ou não, como “contracolonial”.

❖ CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivenciar a universidade pública é desafiador e satisfatório na mesma medida. Ao longo da graduação passei por diversas situações que, na hora, eram boas demais para ser verdade ou ruins o suficiente para não querer mais pisar os pés na UnB de novo. É interessante forçar a pensar na minha trajetória pessoal e acadêmica e ver como isso resultou neste trabalho final que, hoje, me dá tanto orgulho. Obviamente o TCC não finda minha experiência e aprendizado que obtive através de tantas trocas e ensinamentos na universidade, mas sinto que cheguei perto de alcançar o objetivo de, um dia, influenciar alguém com o capítulo *“Quilombos no Brasil: Para além da resistência”*. Mesmo que o material didático não seja algo tão influenciável no mundo acadêmico, eu vi a importância de produzir um estilo diferente de escrita.

Há muito estudo de especialistas na área e, com vivências reais, a ser considerado quando se trata de quilombos e temas voltados à negritude. Algo que aprendi nesses anos todos foi a de privilegiar os intelectuais apagados pela história hegemônica e, além disso, questionar qual a versão “não oficial” do relato apresentado; aprender a enxergar as ausências e descobrir internamente o que pode ser feito enquanto historiadora para compensá-la.

Como eu disse, desafiador e satisfatório é ver o resultado de um capítulo nos moldes que se encaixam em um livro didático para o ensino médio, como um pequeno passo a ser dado, e que apesar dos tantos pesares, foi realizado com dedicação e referência (para lembrar, uma vez mais, que não estou inventando a

roda e reconheço todas que vieram antes de mim e os que me acompanharam, mesmo que por pouco tempo, na minha carreira).

❖ REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Gislane. História :passado e presente. Gislane Azevedo, Reinaldo Seriacopi 1 ed.São Paulo, Ática, 2016. PNLD 2018-2020

BARBOSA, Paulo Corrêa. Quilombos – Espaço de resistência de homens e mulheres negros / Schuma Schumacher (Coord.) Editora: MEC/SECAD. Edição: 1. Edição. 2005.

BOULOS JR., Alfredo. História sociedade & cidadania :2° ano. Alfredo Boulos Júnior. 1ed. São Paulo : FTD, 2013. PNLD 2015-2017

BRITO, Débora. Quilombo a 50 km de Brasília luta para manter território e identidade. Agência Brasil. 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-06/quilombo-50-km-de-brasilia-luta-para-manter-territorio-e-identidade>>

CARRIL, Lourdes. Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto. Revista Brasileira de Educação, v. 22 nº 69 abr-jun, 2017.

CARVALHO, Vladimir. QUILOMBO. Diretor: Vladimir Carvalho. Curta-metragem. Produtora: DAC/MEC. Cor, 16mm, 23 min. 1975.

Comunidade Quilombo Mesquita. Ancestralidade Africana no Brasil: Memória dos Pontos de Leitura, 2013. Disponível em: <http://ancestralidadeafricana.org.br/?page_id=132>

COTRIM, Gilberto. História global : Brasil e Geral: volume único. Gilberto Cotrim. São Paulo Saraiva, 2008. 9ed

DEZAN, Thiago. GONÇALVES, Juliana. Em pleno século XXI, quilombolas ainda têm que lutar por direitos básicos. The Intercept Brasil, 2017. Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/05/12/em-pleno-seculo-xxi-quilombolas-ainda-tem-qu-e-lutar-por-direitos-basicos/>>

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola. Câmara de Educação Básica (CEB), 2011. Disponível em: <<https://www.saude.rj.gov.br/comum/code/MostrarArquivo.php?C=NDUwOA%2C%2C>>

FELLET, João. A história do quilombo que ajudou a erguer Brasília - e teme perder terras para condomínios de luxo. BBC News Brasil - São Paulo. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44570778>>

GERBER. Raquel. ORÍ. Longa-metragem narrado por Beatriz Nascimento. Diretora: Raquel Gerber. Produtora: Angra Filmes Ltda. Fundação do Cinema Brasileiro. 35mm, Cor, 91 min, 1989.

GOMES, Flávio dos Santos. Quilombos/remanescentes de quilombos. In: Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos/Organização: Lilia Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes (Orgs.) - 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras. 2018.

IBGE Educa. Quilombolas no Brasil. IBGE Educa, 2019. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html>>

MOCELLIN, Renato. História em debate, 2. Renato Mocellin, Rosiane de Camargo. 4 ed. São Paulo : Editora do Brasil, 2016 (Coleção história em debate). PNLD 2018-2010

MOURA, Clóvis. Os quilombos e a rebelião negra / Clóvis Moura. - São Paulo : Brasiliense, 1981.

MOURA, Clóvis. Rebeliões da senzala - a questão social no Brasil / Clóvis Moura .3 ed. São Paulo, Lech Livraria Editora Ciências Humanas, 1981. 282p.

MOURA, Glória. Festas dos quilombos / Glória Moura ; Lamberto Scipioni, fotos. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. 184p. ; 21cm.

MOURA, Glória. Quilombos contemporâneos: resistir e vencer / Glória Moura. - Brasília: FCP, 2012.

NASCIMENTO, Abdias do. O quilombismo. Abdias do Nascimento / Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 1980.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual : Possibilidades nos dias da destruição / Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana : Editora Filhos da África, 2018. 488p. 1ª ed.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Por uma história do homem negro. In : RATTTS, Alex. "Eu sou atlântica : sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento". São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

NERES, Manoel Barbosa. Quilombo Mesquita : história, cultura e resistência / Manoel Barbosa Neres. - Brasília, DF : Gráfica Conquista, 2016. 148p. : il. ; 15x21cm.

O'DWYER, Eliane Cantarino. Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 268p

OLIVEIRA, Rosana Medeiros de. Descolonizar os livros didáticos: raça, gênero e colonialidade nos livros de educação do campo. Revista Brasileira de Educação v. 22 n. 68 jan.-mar., 2017

PACHECO, Tania. Incra reduz em 80% território do Quilombo Mesquita, Goiás. Em carta, quilombolas denunciam pressões políticas. Blog Combate Racismo Ambiental. 2018. Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/2018/05/25/incra-reduz-em-80-territorio-do-quilomb-o-mesquita-goias-em-carta-quilombolas-denunciam-pessoes-politicas/>>

PAIXÃO, Mayara. O movimento negro e a Constituição de 1988: uma revolução em andamento. Brasil de Fato, 2019. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/especiais/o-movimento-negro-e-a-constituicao-de-1988-uma-revolucao-em-andamento>

PAULINO, Mariane da Silva. Planejamento afrorrural Quilombo Mesquita: Escalas para a preservação territorial e identitária. 2017. 131 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

Racismo e violência contra quilombos no Brasil / Terra de Direitos, Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas — Curitiba: Terra de Direitos, 2018. 196p.

REIS, João José. Os quilombos e revoltas escravas no Brasil. Nos achamos em campo a tratar a liberdade. Revista USP, v28, dez-fev, 1995.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos : modos e significações. Brasília : INCTI, 2015.

SANTOS, JÁ. Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida. In: MACEDO, JR., org. Desvendando a história da África [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 181-194.

SANTOS, Suely Virginia dos. A comunidade quilombola de Mesquita / Suely Virginia dos Santos. Belo Horizonte: FAFICH, 2015. 16p. (Terra de Quilombos).

SCHWARTZ, Stuart B. . Escravidão indígena e o início da escravidão africana. In: Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos/Organização: Lilia Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes (Orgs.) - 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras. 2018.

SILVA, Givânia Maria. As diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola e o currículo da educação básica. In: X Colóquio internacional: educação e contemporaneidade, 2016, Aracaju/Sergipe. Currículo escolar, gestão, organização do trabalho pedagógico, 2016.

SILVA, Givânia Maria. O currículo e as lutas sociais no território de Conceição das Crioulas. In: X Colóquio sobre Questões Curriculares / VI Colóquio Luso Brasileiro de

Currículo, 2012, Belo Horizonte. X Colóquio sobre Questões Curriculares / VI Colóquio Luso Brasileiro de Currículo. Brasília: Givânia Maria da Silva, 2012. v. 1

VICENTINO, Claudio. História Geral e do Brasil. Cláudio Vicentino, Gianpaolo Dorigo. 2ed São Paulo, Scipione 2013. PNLD 2015-2017

VICENTINO, Claudio. História para o Ensino Médio: História Geral e do Brasil. Cláudio Vicentino, Gianpaolo Dorigo. São Paulo, Scipione, 2008. (Série Parâmetros) ed atual